

Chikki Chikki

Winx of Desire

CPS no CCB
21 a 29 fev 2024

“Ficou ali sentada, os olhos fechados e quase acreditou estar no País das Maravilhas”.

Lewis Carroll, Alice no País das Maravilhas

Visitar o universo de Ana Pessoa (Chikki Chikki), como o de todo o autêntico criador, representa empreender uma viagem ao outro lado do visível, ou de um real que nos dias que passam rapidamente sem disso quase nos apercebermos, tende para o desencanto. Na suposta geração Z onde a incluem, ao mundo da informática que invade e despersonaliza, uniformiza o nosso quotidiano, a artista contrapõe, de um modo inesperado, quase insólito, uma proposta de união entre as raízes ancestrais da nossa cultura, a Bíblia, os mitos que animam os quatro elementos e as mitologias, a imagética de uma contemporaneidade, que se torna não apenas lúdica, mas mágica. Inventa não só conteúdos, como dá forma, com as suas esculturas têxteis, muito coloridas, a uma nova linguagem que seduz os sentidos e ao mesmo tempo é fonte de maravilha e prazer interior. A sua arte opera com e sobre o visível, parte das formas conhecidas e transfigura-as, transplanta-as para o território dos sonhos que originalmente é o seu.



Chikki Chikki, "Winx of Desire", Múltiplo de escultura, Impressão digital em tela, 32x75x12 cm
Edição limitada de 30 exemplares numerados e assinados

Na verdade, com o trabalho de Ana Pessoa, somos levados ao limiar de uma floresta encantada, onde todos os seres, objetos e criaturas reestabelecem o elo ancestral entre o visível e o invisível, o real e o irreal. Nos trabalhos criados para o CPS, as suas asas esculpidas em pano e estampadas com as fantasias de seres imaginários: dragões, fadas, gnomos e elfos, a artista, segundo as suas próprias palavras, cria talismãs capazes de unir os vários reinos, o terrestre e o celeste e também o quotidiano e o intemporal domínio dos arquétipos. Talismãs capazes de nos transportar à original pátria dos sonhos, de onde descendemos e à qual, para nossa felicidade e da civilização que tantas vezes nos oprime, devemos sempre regressar.

Maria João Fernandes

Poeta, Crítica de Arte

AICA, Associação Internacional de Críticos de Arte